



RURAL FLORESTAL

SAÚDE MENTAL PÓS PANDEMIA



Saúde Mental

Como anda a saúde mental dos discentes após o retorno presencial?

PET nos Eventos

PET Floresta no Sudeste PET 2022

Entrevista

Prof. Dr. Azarias Machado de Andrade

Processos seletivos

Como se preparar?

3 | ARTIGO

SUDESTE PET 2022

O PET Floresta conta um pouco de como foi a 22ª edição do SUDESTE PET, sua importância para o ensino de qualidade e um breve relato da Petiana Mariana Damázio que apresentou uma análise do projeto "Produtos Florestais em casa".

5 | CAPA

SAÚDE MENTAL PÓS PANDEMIA

Como ficou a saúde mental dos estudantes universitários após retorno presencial.



8 | ENTREVISTA

PROF. DR. AZARIAS MACHADO DE ANDRADE

O Prof. Dr. Azarias Machado, que fez parte do DPF nos conta um pouco de sua trajetória até o presente momento, lembrando momentos marcantes e como se sente após encerrar as suas atividades na UFRRJ.

19 | ARTIGO

PROCESSOS SELETIVOS: COMO SE PREPARAR?

Relatos de ex-petianos que participaram de processos seletivos de empresas e foram selecionados nós contam sobre sua experiência e trazem dicas.

SUDESTE PET 2022

 Miryelle Moret



XXII SUDESTE PET: O PET É RESISTÊNCIA!

Os Grupos PET contam com dois eventos anuais de extrema importância para o fortalecimento da permanência destes nas IES. Um encontro regional e outro nacional com diversas temáticas a serem abordadas para o desenvolvimento profissional diferenciado e propiciar o networking entre futuros profissionais de diversas áreas. E em meio a tanta diversidade de atividades e de vivências, tais eventos prezam pela troca de conhecimento e experiências.

O Sudeste Pet que reúne os Grupos Pet da região Sudeste contou com a sua 22ª edição "XXII SUDESTE PET: O PET é resistência!", durante os dias 19, 20, 21, 27 e 28 de agosto de 2022.

"O evento foi realizado ainda de forma remota, pois o retorno ao presencial era incerto durante o período de organização. Esta edição objetivou promover redes de integração e espaços de discussão acerca do Programa de Educação Tutorial, através da articulação entre os grupos e do compartilhamento de atividades.

Foram 5 dias de intensas discussões com apresentação de trabalhos desenvolvidos pelos Grupos PETs, reuniões de tutores e discentes, rodas de conversa sobre as diretrizes do programa, propostas de estratégias de saúde e bem estar, realização de projetos sustentáveis entre outros, totalizando 12 temas abordados em cima do que os Grupos PET podem contribuir para o ensino de qualidade.



Imagem: Momento registrado e disponibilizado pelo evento

No dia 20/08, a discente e integrante do PET Floresta Mariana Damázio marcou presença apresentando o trabalho realizado pelo grupo PET Floresta no evento, intitulado "Utilização do Instagram e Facebook como ferramentas para Educação Ambiental: Análise da atividade "Produtos Florestais em Casa" nas redes sociais do PET Floresta da UFRRJ.



Mariana Damázio Lima, 8º período

O trabalho relatou os resultados de alcance das publicações sobre produtos florestais nas redes sociais do grupo e a importância da interação por meio das mídias na educação ambiental, principalmente no período de atividades remotas, durante a pandemia. Segundo o relato da petiana Mariana *"Foi muito gratificante poder levar um pouco do nosso trabalho e mostrar os resultados em um evento nessa escala, contando com o apoio do grupo"*.

"No Sudeste PET também tive a oportunidade de participar como ouvinte da apresentação de trabalhos de outros PETs, a troca de experiências foi muito enriquecedora e me fez perceber como o programa é amplo e abrange diversas áreas, dando espaço para criatividade e inovação".


A participação nestes eventos é de extrema importância para que o Pet continue sendo um programa onde a democracia e a horizontalidade

prevaleçam, para que desta forma continue sendo um programa que auxilia na formação dos integrantes por meio da indissociabilidade da tríade ensino, pesquisa e extensão.



Imagem: Captura de tela da sala de apresentação de trabalho

SAÚDE MENTAL PÓS PANDEMIA

 Julyana Marques

A pós dois anos conturbados de muito medo e incerteza, causados pela COVID-19, o ensino se viu forçado à uma reestruturação na sua forma de aplicação, aulas que antes eram totalmente presenciais tiveram que ser ministradas no estilo remoto. Com toda comunidade acadêmica enfrentando os diversos desafios afim de se adequar, principalmente, quando se fala em aparato tecnológico, além dos referentes à estrutura do lar, atenção aos filhos, conciliação das tarefas acadêmicas e domésticas etc. O que seria apenas um período emergencial, tornou-se a nova realidade por 2 anos. Não foi fácil, mas mantivemos a continuidade do curso de graduação nesse período atípico.

Entretanto, o retorno das atividades presenciais aqui na UFRRJ, trouxe consigo novos desafios a serem enfrentados pela comunidade, como o retorno para o município de Seropédica,

já que grande parte dos alunos da universidade retornaram aos seus Estados e cidades de origem. Apesar da animação em ocupar novamente os espaços da universidade, retomar o convívio social pode ser cansativo e desafiador, como mostra relato de uma discente da UFRRJ,

“Apesar de estar muito feliz com o retorno presencial, a mudança de rotina foi muito drástica. Se antes eu passava uma/ duas semanas em lockdown, sem ver pessoas ou fazer exercícios constantes, na retomada das aulas eram salas lotadas e caminhadas longas só pra me deslocar de uma aula pra outra, fora todo o processo de adaptação como estudante que veio de uma cidade bem distante pra morar sozinha. Acho que esses pontos tornaram tudo exaustivo, tanto emocional como fisicamente.”

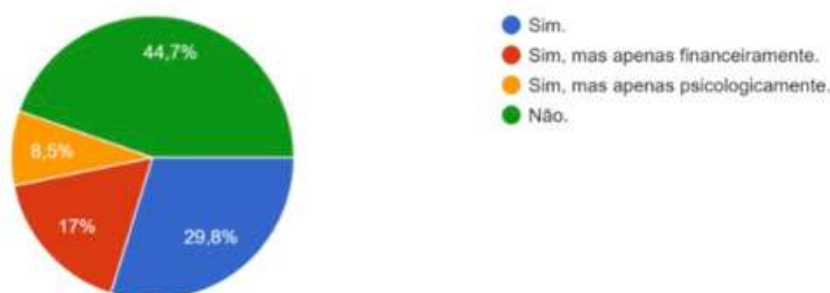
Pesquisa feita internamente com alunos da rural mostra que, apenas 29,8% dos 47 entrevistados se sentiam plenamente preparados à um retorno presencial, e que 44,7% não se sentiam preparados em nenhuma das estâncias questionadas.

“Estava ansiosa pelo retorno, já que era meu primeiro período presencial, mas senti que foi muito repentino e não tive como me preparar financeiramente, morava longe e não abriram os auxílios quando voltamos ao presencial”, o comentário deixado por uma das entrevistadas retrata bem o cenário vivido por muitos dos estudantes.

- Não se compare; nem com outras pessoas e nem como a imagem que você planejou estar no seu curso, cada um de nós temos um tempo diferente. Se você teve momentos em que se sentiu improdutivo ou se está se sentindo cansado, isso é perfeitamente compreensível.
- Tudo bem se sentir estressado ou cansado às vezes, de repente nossos ciclos sociais estarão mais diversos do que estávamos acostumados e isso pode causar medo ou cansaço, aceite e respeite esses sentimentos como parte desse processo de conviver em sociedade.

Se sentia preparado (a) para o retorno presencial? (financeiramente e psicologicamente)

47 respostas



- Respeite e entenda suas dores; somente você pode saber onde está sua zona de conforto, esteja aberto a novas experiências.

Quando se questionou em relação a saúde psicológica após esse retorno os números foram ainda mais preocupantes, 68% relatou ter sofrido com crises de ansiedades, 9% com ataques de pânico, 20% com depressão e apenas 3% alegaram não terem apresentado nenhum distúrbio.

Com isso, nós do PET-Floresta gostaríamos de deixar algumas dicas que podem te auxiliar nesse período do retorno.

- Fale com alguém em quem você confia ou escreva sobre o que você está passando. Pode ser muito útil colocar em palavras o que estamos sentindo.
- Planeje seu tempo. Fazer cronograma te ajudará a manter o compromisso e a motivação, além de ser uma oportunidade incrível de desenvolver o seu senso de responsabilidade, para te auxiliar nessa tarefa, criamos o Planeja PET, uma cartilha que apresenta informações valiosas para os estudantes.

E lembre-se, você não está sozinho!

Dito isso, é importante que você, discente, docente e todo corpo acadêmico, saiba da existência de alguns serviços de saúde mental oferecidos pela universidade que podem ser fundamentais no atual momento e também em situações futuras.


A equipe de psicologia da SEPSI oferece o Plantão Psicológico On-line, com inscrições através do Google forms <https://forms.gle/ZQHge1yLanVwayrG6>.

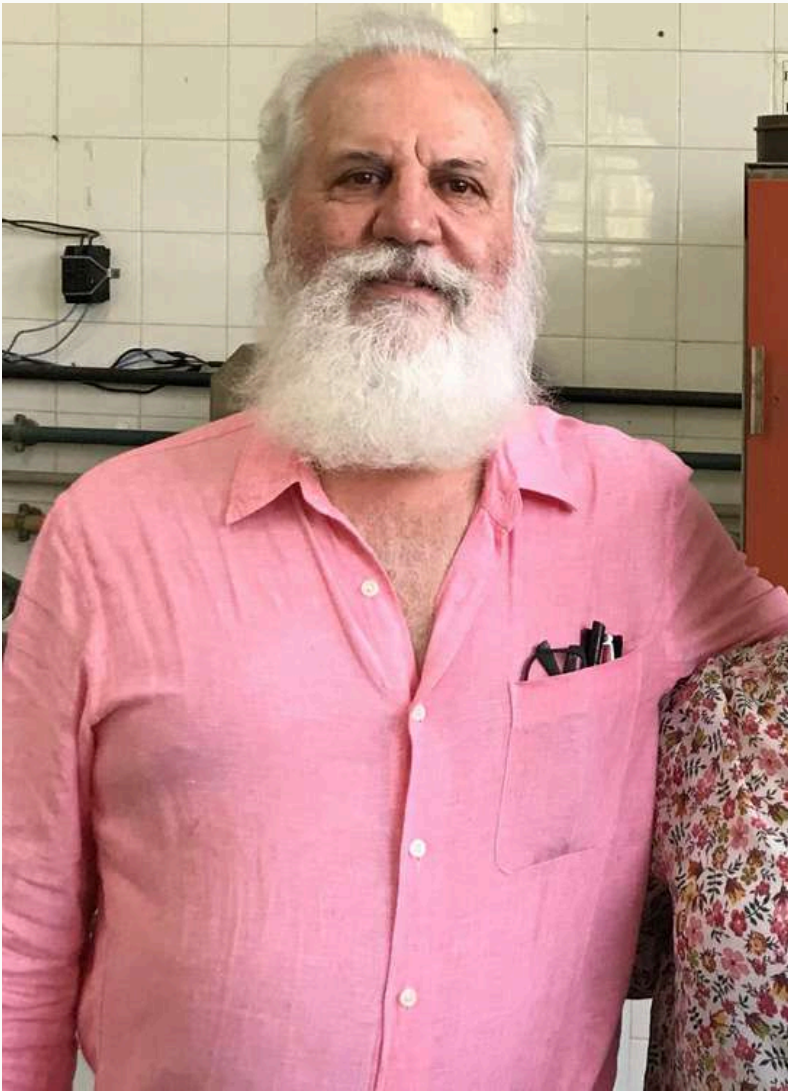
Para esse novo semestre que se inicia, exercite essas dicas e use sem moderação.



Planeja PET

PROF. DR. AZARIAS MACHADO

 Yasmin Aleixo



Com o intuito de familiarizar os estudantes no início do curso de Engenharia Florestal com os professores que compõem ou compuseram o corpo docente do mesmo. O PET Floresta busca entrevistar em cada edição de seu jornal, um professor que faz/ já fez parte do Instituto de Floresta.

Nesta edição trouxemos como entrevistado, o professor Azarias Machado de Andrade, que fez parte do Departamento de Produtos Florestais e se aposentou recentemente, e lecionou sua última turma no período de 2022.1. Ele possui graduação em Engenharia Florestal pela UNIFENAS, mestrado e doutorado em Ciência Florestal pela UFV. Além de especialização

em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNESA e graduação em Psicologia pela UFRRJ. Nesta entrevista, o professor Azarias nos conta um pouco de sua trajetória até o presente momento, lembrando momentos marcantes e como se sente após encerrar as atividades na UFRRJ.

Primeiramente, gostaríamos que nos falasse brevemente sobre como se interessou pelo curso de Engenharia Florestal.

Hoje é possível perceber que a minha vocação florestal se manifestou muito cedo, quando eu ainda ajudava o meu pai no seu sítio. Gostava de conhecer os nomes das árvores, as características das suas madeiras e as suas aplicações. Certa vez, questionei o meu pai sobre o uso das candeias como mourões de cercas. Enquanto os meus irmãos cuidavam dos animais, eu me dedicava às plantações. Trabalhava durante o dia como tratorista e, no período noturno, estudava em uma escola pública estadual na cidade de São Gonçalo do Sapucaí, MG, até a conclusão do Curso Técnico em Contabilidade. Aos 19 anos, depois de servir por um ano ao Exército Brasileiro, fiquei noivo da minha atual esposa e fui trabalhar como contador na cidade de Varginha, MG. Ali, depois de alguns meses de trabalho, fiquei sabendo que na UNIFENAS, na vizinha cidade de Alfenas, era oferecido o Curso de Engenharia Florestal. Passei no vestibular e, já casado, consegui, junto à Caixa Econômica Federal, a aprovação no chamado “Crédito Educativo”. Em Alfenas, para nos sustentarmos, tive um pequeno “hortifruti” e vendi enciclopédias e planos de um consórcio de motos de porta em porta. No segundo ano do curso de Engenharia Florestal Deus nos presenteou com um filho e, no terceiro, para coroar a nossa alegria, nasceu a nossa filha.

O que te motivou/influenciou a preferir a docência? Ser professor é algo que sempre esteve em seus planos?

Na véspera da conclusão do Curso de Engenharia Florestal eu e a minha esposa já nos preocupávamos bastante com os rumos que iríamos implementar às nossas vidas. Um colega de turma, chamado Eduardo Monteiro Fagundes, que já foi presidente da ARESB (Associação dos Resinadores do Brasil) me convidou para juntos criarmos uma empresa voltada para a coleta e beneficiamento de resina de *Pinus elliottii*, na cidade de Avaré, no Estado de São Paulo. Mas, em virtude da minha maior afinidade com a área de Celulose e Papel que, mais adiante descreverei como surgiu, contatei a Indústria Mecânica Cavallari S/A e, posteriormente, o BNDES, com o intuito de montar uma pequena fábrica modular de papel higiênico, guardanapos e lenços de papel (Papéis Tissue), em um grande galpão disponibilizado a um custo relativamente baixo, na cidade de Varginha, MG. Com o projeto da fábrica de papel da Cavallari em mãos, procurei o BNDES que, para o empréstimo, me exigiu garantias que eu não contava. Também, nesta ocasião (1984), no quinto ano do Curso de Engenharia Florestal, me inscrevi e fui aceito no Mestrado em Ciência Florestal da UFV (Universidade Federal de Viçosa). Paralelamente a tudo isto, o reitor da UNIFENAS e alguns dos seus representantes legais me formularam um

convite para continuar naquela Instituição de Ensino, depois de formado, na condição de docente do Curso de Engenharia Florestal. Segundo eles, se eu aceitasse a proposta, iria assumir as cadeiras de Celulose e Papel e de Energia da Madeira, que se encontravam vagas pelas saídas dos Professores Luís Carlos Couto, que havia se transferido para a UFLA e Eustáquio Simplício, que havia se transferido para o IEF de Sete Lagoas, MG.

Conte-nos um pouco como foi o processo de descoberta da sua afeição pelas áreas Energia da Biomassa e Tecnologia de Celulose e Papel, sempre soube que queria atuar nestas áreas ou se descobriu com o tempo? Houve experiências que foram relevantes e te influenciaram a querer atuar nessas áreas?

Vários fatores contribuíram para que eu aceitasse o convite formulado pelos dirigentes da UNIFENAS para continuar como docente naquela Instituição de Ensino Superior, dentre os quais destaco: 1º) Eu e a minha família já estávamos perfeitamente adaptados à cidade de Alfenas; 2º) Era evidente a minha afeição pelas futuras áreas de atuação. Admirava muito o trabalho e respeitava demais os Professores Luís Carlos Couto (Celulose e Papel) e Eustáquio Simplício (Energia da Madeira); 3º) A UNIFENAS, de imediato, buscou e me ofereceu a possibilidade de realizar cursos de treinamento na UFPR (Universidade Federal do Paraná), com o saudoso Professor Nadir Silva Castro (Celulose e Papel) e na

FACELPA - Fábrica de Celulose do Paraná, do Grupo Trombini, na cidade de Curitiba, PR; 4º) A UNIFENAS se comprometeu em me liberar, ainda que de uma forma parcial, para fazer o Mestrado em Ciência Florestal na UFV. Se possível, eu deveria cursar disciplinas relacionadas às cadeiras que assumiria, reforçando a minha capacitação à docência; 5º) O meu orientador do Mestrado na UFV, Professor Benedito Rocha Vital, deferiu o meu pedido para trancar a minha matrícula. Desta forma, no início da carreira, eu poderia me dedicar integralmente à docência e, a partir de meados de 1986, iniciaria o Mestrado na UFV. A UNIFENAS, na área de Celulose e Papel, me disponibilizou um laboratório muito bem equipado, que contava com amplos salões onde estavam distribuídos os equipamentos de produção de polpa celulósica e papel, além de classificadores de fibras e outros instrumentos de análises de polpa e papel. Ao lado destes espaços encontravam-se outros com os produtos químicos e uma sala climatizada, com os principais equipamentos para ensaios físicos, mecânicos e ópticos de papel. No laboratório de pastas e papéis, com grande curiosidade, eu alterava os graus de Schopper-Riegler das polpas e formava folhas na Formadora Köthen-Rapid para perceber as implicações na lisura, maciez, permeabilidade,

características ópticas e nas propriedades mecânicas do papel. Mantenho, com muito cuidado e carinho, algumas das primeiras folhas de papel que produzi há quase quarenta anos atrás. Mais do que simplesmente ver acontecer, eu queria entender as etapas e os detalhes dos processos que levariam ao produto final e, felizmente, contava com a infraestrutura e autonomia necessárias para isto. Na área de Energia de Biomassa contava com um laboratório (muflas, estufas, vidrarias, etc.) e, no campo, com três fornos de carvoejamento, sendo um sertanejo (2,5 m de diâmetro), um de encosta (3,0 m de diâmetro) e um de alvenaria de superfície com chaminé lateral (2,5 m de diâmetro). Naquela época também dispunha de farto material lenhoso para pesquisas e podia contar com o apoio ininterrupto de um dedicado carvoeiro. E foi respaldado nesta infraestrutura que, na UNIFENAS, pude lecionar as disciplinas que me foram confiadas, coordenar os estágios supervisionados dos estudantes, além de orientar monografias de alunos do Curso de Engenharia Florestal. Tive a oportunidade de enriquecer os meus conhecimentos práticos acerca da cinética da carbonização e ter o contato direto com este magnífico biocombustível, conhecido por carvão vegetal. Pude entendê-lo melhor como um resíduo carbonoso da pirólise de materiais orgânicos que, simultaneamente, gera outras formas de biocombustíveis, presentes nos gases e no “Espírito da Madeira”.

Sobre a docência, mais especificamente na UFRRJ, como foi ocupar o cargo de Professor nesta instituição? Mais especificamente, o que o levou até ela?

Em 1988, após concluir o Mestrado em Ciência Florestal na UFV, voltei com a minha família para Alfenas. No ano seguinte (1989) fui aceito para integrar a primeira turma, originalmente composta por cinco alunos, no recém-criado Curso de Doutorado em Ciência Florestal da UFV. A UNIFENAS, como fez no Mestrado, me liberou parcialmente para a realização do Doutorado na UFV. Porém, como o Curso de Doutorado da UFV era novo, passava por rigorosas avaliações da CAPES e do CNPq. Conseqüentemente, as exigências em relação aos estudantes também aumentaram e, no meu caso, para complicar um pouco mais a situação, a própria UNIFENAS também começou a me cobrar um maior tempo de permanência em Alfenas. Foi então que, conversando com um amigo que, naquela época (1989), fazia mestrado na UFV e já compunha o quadro de docentes da UFRRJ (Professor Alexandre Miguel do Nascimento), fiquei sabendo de um concurso público para Professor Auxiliar, nas minhas áreas de atuação, na UFRRJ. Alguns dias depois, eu e um outro Engenheiro Florestal da UFV, partimos de Viçosa rumo à Seropédica, para participarmos do concurso para Professor na UFRRJ,

na vaga decorrente da aposentadoria do Professor Aurelian Barsan. Na Central do Brasil entramos no ônibus para Seropédica, o meu colega com uma grande bolsa e eu com duas enormes malas, cheias de livros e com as minhas melhores roupas, para bem me apresentar no decorrer do concurso na UFRRJ. Todavia, suponho que já vínhamos sendo observados e, assim que o ônibus partiu em direção à Seropédica, dois indivíduos armados anunciaram um assalto e levaram todos os nossos pertences, incluindo as malas, dinheiro, documentos, relógios, dentre outros objetos. Cheguei em Seropédica, pela primeira vez, só com as roupas do corpo. Mesmo assim, fiz o concurso e, felizmente, entre os sete candidatos inscritos, terminei em primeiro lugar. Naquela época, a vaga obtida a partir de concursos públicos federais ficava aberta, à disposição do aprovado, pelo período de dois anos. A minha saudosa mãe, assim que soube do assalto, ficou apavorada e me pediu “pelo amor de Deus” para que ficasse quietinho em Alfenas mesmo. Pude atendê-la até o final de 1990, ocasião em que a UNIFENAS passou a exigir que eu trancasse o doutorado na UFV. Face ao exposto, me desloquei até a UFRRJ e assinei o meu contrato com a Instituição. Como estava na fase de redação da minha tese de doutorado, em janeiro de 1991 já me encontrava numa das salas do IF/UFRRJ, dando aulas para os estudantes do quinto ano do Curso de Engenharia Florestal. De imediato, assumi duas disciplinas, quais sejam: IF 314 - Tecnologia Química da

Madeira (Carvão Vegetal, Resina e Borracha Natural) e IF 315 - Tecnologia de Papel e Celulose. Em 1992 concluí o Curso de Doutorado em Ciência Florestal na UFV. Quatro dos cinco alunos que ingressaram no curso foram jubilados e, assim, quis o destino que eu me tornasse o primeiro Doutor em Ciência Florestal da UFV. Lecionar na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro sempre foi um grande prazer. Os alunos que são recebidos nas salas de aula compartilham conosco sotaques, culturas e histórias do Brasil e até do exterior. Na UFRRJ tive a oportunidade de orientar e de conviver com alunos de todas as regiões do País. Fui extremamente agraciado por Deus considerando-se que, mesmo ao lado de uma grande metrópole, trabalhei num ambiente cercado de verde, onde famílias de macaquinhos brincam nos galhos das árvores nas imediações das nossas salas. Durante o período como docente dos Cursos de Engenharia Florestal da UNIFENAS e da UFRRJ, perfazendo um pouco mais de 37 anos, alguns fatos foram extremamente importantes para que eu continuasse e pudesse chegar até onde cheguei.



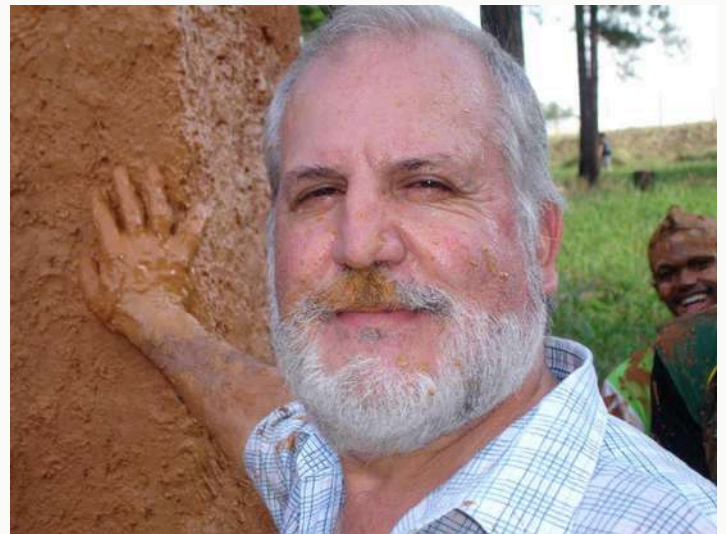
Logo no início da minha atuação como docente, uma turma de 22 alunos da UNIFENAS me homenageou atribuindo o meu nome à turma (Turma Professor Azarias Machado de Andrade).



Em inúmeras oportunidades me senti grato aos alunos pela injeção de energia positiva e de estímulos favoráveis, através das demonstrações de carinho e de reconhecimento ao meu esforço. Desde o início da minha carreira como docente procurei manter um relacionamento sincero, tranquilo, saudável e proveitoso com os alunos.



Em todas as situações sempre fui tratado de forma respeitosa, generosa e gentil pelos meus alunos, aos quais devo muito em relação ao que sou e represento, sob os pontos de vista pessoal e profissional.



Reservava um tempo para discutir com eles, além das questões relacionadas às disciplinas propriamente ditas, as possíveis situações profissionais cotidianas com as quais o Engenheiro Florestal poderia se defrontar na vida. Procedia desta forma porque sempre considerei imprescindíveis, sobretudo durante o período da graduação, os exemplos práticos apresentados pelos mestres. Assim sendo, julgava importante a seleção e apresentação de eventos das nossas vidas àqueles que denotassem

interesse e buscavam exemplos de procedimentos e comportamentos que pudessem nortear e, eventualmente, servir para ajuizar e facilitar nas tomadas de decisão. Agora me sinto muito feliz por saber que, dos alunos que orientei na graduação, cinco são excelentes professores universitários.



Fotografias da primeira e última turmas na qual o prof. Azarias lecionou

Durante esses 31 anos de Rural, poderia destacar quais foram as experiências mais relevantes/marcantes durante a permanência na instituição? Como você se sente em estar deixando a instituição e se aposentando do cargo de professor titular?

Na UFRRJ, principalmente a partir de 1992, intensificaram-se as discussões sobre o que era e o que não era “ecologicamente correto”. Nesta época, me envolvi sistematicamente com o processo de reciclagem de papel, sobretudo quando fui convidado pela Professora Sheila Marino Simão, do Departamento de Ciências Ambientais, para participar do “PACA” (Projeto Aprendendo com a Árvore), que recebia grupos de crianças das escolas municipais. Desde então, passei a exercitar o prazer de oferecer cursos de reciclagem de papel para um público-alvo bastante eclético, constituído por estudantes e professores de vários níveis, aposentados, internos de orfanatos, crianças especiais, profissionais da área da saúde e demais visitantes. Sempre gostei de receber as pessoas para tratar de um assunto que lhes despertasse o interesse e, ao mesmo tempo, aproveitar para ensinar e aprender. Foi com esta prerrogativa que tive o prazer de ser um dos colaboradores dos trabalhos que resultaram na criação do Laboratório de Reciclagem de Papel para Terapia Ocupacional, na Faculdade de Medicina da UNESP, na cidade de Botucatu, SP, coordenado pela Dra. Isabel Cristina Rossi Conte (1999/2000). Em 2006, fui solicitado por um profissional da Rede Globo de Televisão para participar do Programa Globo Ciência, que abordava questões sobre o papel para impressão e escrita, um dos principais suportes para as letras. Esse Programa Globo Ciência

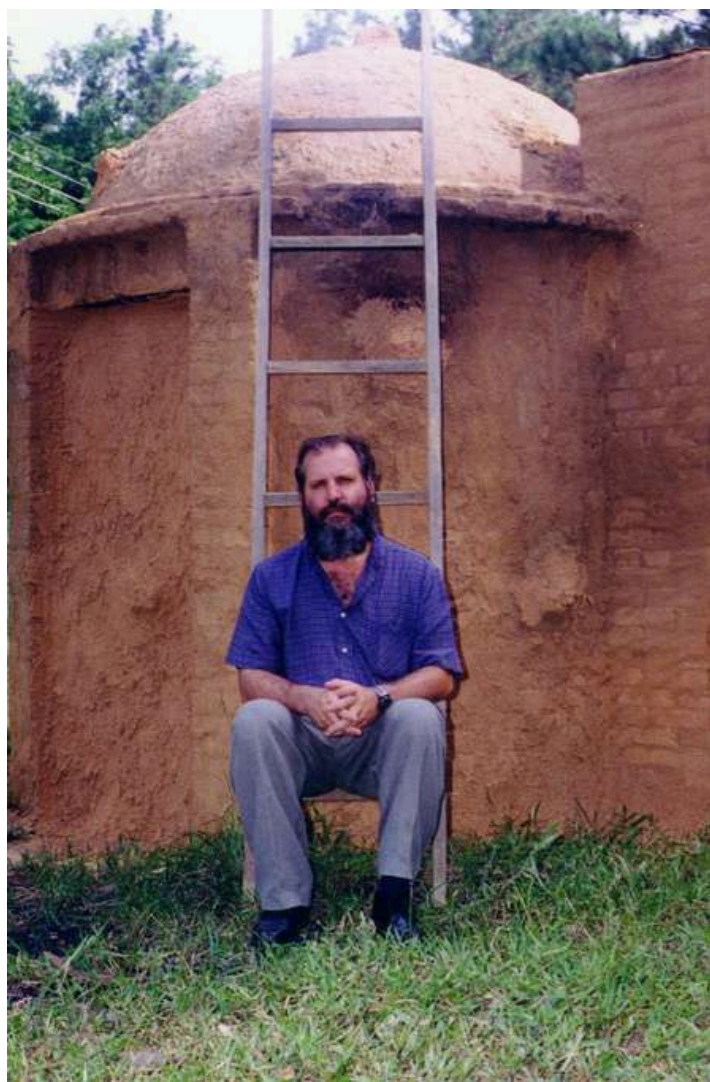
começou a ser veiculado a partir do dia 15/07/2006 e, de vez em quando é reapresentado, com as filmagens no Laboratório de Papel e Celulose da UFRRJ sendo apresentadas no seu quarto bloco. Além de tratarmos de assuntos relacionados à tecnologia e utilização de produtos florestais, nas salas de aula e nos Laboratórios de Papel e Celulose e Energia da Madeira da UFRRJ, em algumas oportunidades também levamos estes temas para as escolas (inclusive da zona rural), colégios, exposições, congressos e, circunstancialmente, praças, avenidas e praias. Também, a partir de 1992, foi possível desenvolver vários trabalhos dentro do projeto intitulado “ReciclAmente”, cujo objetivo principal era demonstrar que a reciclagem de papel, associada com outras técnicas (aromaterapia, cromoterapia, musicoterapia e laborterapia), poderia ser utilizada como uma ferramenta terapêutica, para aliviar as tensões, as preocupações, a ansiedade e o estresse diário. De 1993 a 1997, na condição de Vice-Diretor do Instituto de Florestas, fui um dos colaboradores envolvidos na criação do Curso de Mestrado em Ciências Ambientais e Florestais, bem como da Revista Floresta e Ambiente. Fiz parte da primeira composição do Colegiado da Pós-Graduação e, junto à Champion Papel e Celulose S/A (atual Sylvamo do Brasil), conseguimos e fomos buscar, no meu velho Fiat 147, o papel necessário para a impressão dos três primeiros números da Revista. Nesse período coordenei oito convênios do Instituto de Florestas e, em 1994, fui o responsável pela construção do forno de carvoejamento

adaptado para a coleta de líquido pirolenhoso (“Espírito da Madeira”), que foi utilizado nas aulas práticas de Tecnologia Química da Madeira até o ano de 2014. Em 1994, com a divulgação da construção do forno de carvoejamento, pequenos proprietários rurais se dirigiram à UFRRJ em busca de mais informações. A apresentação desse forno iniciou-se com a elaboração e distribuição aos interessados de um vídeo produzido por um profissional do ramo de edição de imagens.



Posteriormente, esse forno foi apresentado em um documentário da TVE - Rio de Janeiro, sobre a UFRRJ, quando foram propaladas as suas vantagens no programa “Rio-Tecnologia” (exibido em 04 e 06/01/1996). Em 1999, o projeto da construção do forno da UFRRJ foi publicado na Revista Árvore, da UFV - Universidade Federal de Viçosa (v.23, n.2, p.241-247, 1999). Com o envolvimento de estudantes estagiários, bolsistas ou não, tivemos a oportunidade de participar da construção de outros fornos de carvoejamento adaptados, nas cidades de Seropédica, Nova Friburgo e Mendes,

no Estado do Rio de Janeiro. Este modelo de forno também foi adotado pela Fazenda Experimental da EMBRAPA, em Seropédica, RJ.



Em março de 2005 assumi o cargo de Pró-Reitor de Assuntos Estudantis da UFRRJ, no qual permaneci até o mês de março de 2009. Em virtude da colaboração prestada como Pró-Reitor (Decano), em 2010 tive a grande honra de ser homenageado com a Comenda - Medalha do Centenário de Origem da UFRRJ, cunhada pela Casa da Moeda do Brasil (Processo nº 23083.013416/2010-09, de 03/12/2010).

“Neste momento, me desligo daquelas atividades que vinha desempenhando até então na UFRRJ, com uma grande paz na consciência e com a indubitável sensação do dever cumprido.”

Além da graduação em Engenharia Florestal, o senhor também possui graduação em Psicologia, o que o levou a querer cursar esta segunda graduação em uma área bem distinta da Engenharia Florestal? O senhor pretende atuar nesta área agora que deixou a Rural?

Em 2007, na condição de especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional fui solicitado pela Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRRJ, Professora Áurea Echevarria Aznar, Conselheira do CEPE desta Universidade, a emitir um parecer técnico sobre o processo de criação de um novo curso de graduação na UFRRJ, o Curso de Psicologia. No decorrer das análises daquele projeto, muito bem estruturado por sinal, vislumbrei a possibilidade de, futuramente, dar continuidade aos meus estudos no campo da psicologia educacional, iniciados com a especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. E foi assim que, no final de 2011, fiz as provas do ENEM e, em julho de 2012, iniciei o Curso de Psicologia na UFRRJ, com ênfase na área da educação,

sem prejuízos à leção das disciplinas no Curso de Engenharia Florestal. Aprendi muito com os valorosos professores do Curso de Psicologia, que não mediam esforços para transmitir conhecimentos pertinentes ao ensino e aprendizagem; às deficiências psicológicas, mnemônicas e cognitivas; às questões relacionadas à percepção e atenção; às possíveis origens (etiologia) dos transtornos; e, muito mais. Estudei Psicologia Educacional dentro do meu próprio local de trabalho, estando praticamente o tempo todo no ambiente onde exercia as minhas funções de docência e ao lado dos meus alunos. Isto me favoreceu bastante pois, com todo o respeito, afirmo que tinha ao meu dispor um enorme “Laboratório de Pesquisas”. Com muito orgulho, fiz parte da equipe de pesquisas em Psiconeurologia da Professora Neuropsicóloga Emmy Uehara Pires. Percebi que os alunos do Curso de Engenharia Florestal demonstravam um grande interesse pelas informações da psicologia da educação, tendo por base as estruturas psíquicas do ser humano. Dentro deste contexto, é válido ressaltar que a comunicação entre professores e alunos tem se tornado um processo cada vez mais complexo. A internet, os modernos equipamentos e os novos meios de comunicação exigem, cada vez mais, que o professor esteja preparado para assegurar a atenção dos alunos e, ao mesmo tempo, transmitir-lhes os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo da vida profissional. Particularmente, creio que os

conhecimentos relacionados à psicologia educacional, psicologia social, bem como aos processos de formação do pensamento, da memória e do comportamento, me auxiliaram bastante nessa desafiadora empreitada no âmbito da educação presencial. Para a conclusão do Curso de Psicologia, em 2017 defendi a monografia intitulada “Prevalência de indicadores de ansiedade em estudantes da UFRRJ”. É provável que, a partir de 2023, eu estabeleça o meu próprio consultório, onde irei receber pacientes cujas disfunções mentais possam ser tratadas com a TCC - Terapia Cognitivo Comportamental.

Qual dica/conselho o senhor dá para os alunos do curso de Engenharia Florestal que se interessam em atuar na área de Energia da Biomassa e Tecnologia de Celulose e Papel?

As minhas recomendações visam ressaltar que devem buscar informações sérias, confiáveis e atualizadas, inerentes aos setores de polpa celulósica e papel, bem como à energia da biomassa. Procurem se inteirar da enorme e real importância destes setores para a balança comercial do Brasil e, para o mundo, de uma forma geral. Aprofundem os seus conhecimentos e entendam o que, realmente, compõe aquilo que, de uma forma simplista, chamamos de celulose, papel, lenha, carvão vegetal, pellets, briquetes, gases de síntese e líquido pirolenhoso. Destrinchem como tais insumos são produzidos e

transformados nos seus respectivos derivados, que possuem incontáveis aplicações que, muitas vezes, vocês podem até desconhecer. Jamais iniciem as suas pesquisas com uma ideia pré-concebida, ou seja, estejam prontos para seguir o fluxo da ciência e dos novos conhecimentos, de uma maneira honesta, coerente e, sobretudo, sensata. Tenham sempre em mente que tais setores fazem uso, principalmente, de recursos naturais renováveis (RNR) e, como tal, já estão atrelados aos regimes sustentáveis, uma exigência ambiental básica. Estejam atentos às terminologias atuais, pois tais setores são extremamente dinâmicos. Se envolvam com pessoas que já vêm atuando nestas áreas e, “se ofereçam para aprender com elas”. Demonstrem um verdadeiro interesse pelas áreas, pesquisem e, quando solicitados, se disponham a ajudar naquilo que esteja ao alcance de vocês. Nenhum profissional da área irá recusar a sua colaboração, pois a ajuda qualificada é indispensável. Depois desta verdadeira turnê por uma enormidade de temas ligados às referidas áreas, foquem em poucos assuntos, de preferência naqueles que vocês “praticamente amam” e, depois de dominá-los, tornem-se bons especialistas. A partir de então, diante da sua qualificação, muitos técnicos e empresas jurídicas passarão a buscar não somente a sua opinião, mas também o seu envolvimento direto nas ações em curso. **Boa sorte!**



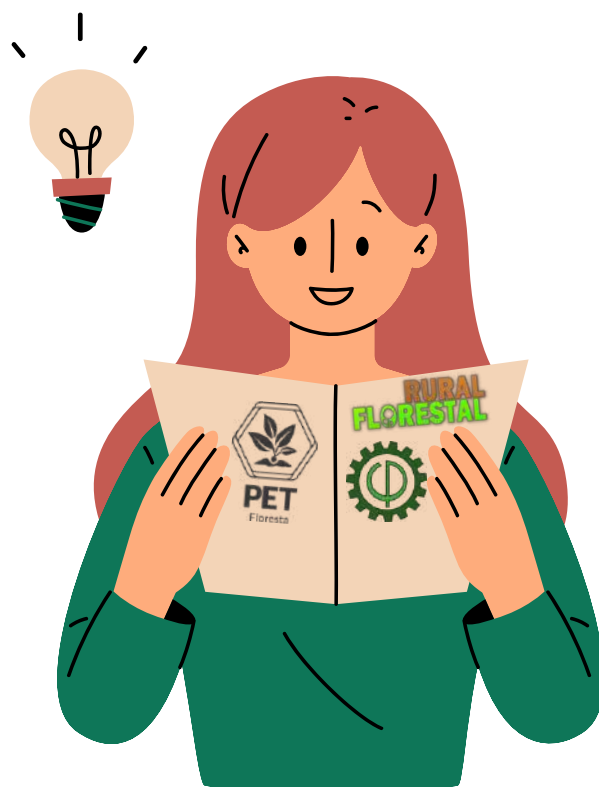
PROCESSOS SELETIVOS: COMO SE PREPARAR?

 Ingrid Gaudencio

Os processos seletivos são situações recorrentes na vida dos graduandos, sobretudo, dos cursos de bacharelado como é o caso do curso de Engenharia Florestal. Que discente é que não sonha em passar no processo seletivo daquela empresa de renome para compor o currículo? Dito isto, o PET Floresta traz alguns relatos de ex-petianos do curso de Engenharia Florestal da UFRRJ de suas experiências com dicas para quem futuramente irá participar destes processos.

O ex-petiano entrevistado Eriklis Amorim relata que uma das suas maiores dificuldades durante os processos seletivos foi “Aprender a lidar com os não. É uma quantidade absurda de inscritos para pouquíssimas vagas e é preciso estar bem centrado para não se colocar num local de autosabotagem e ter a consciência de que o problema não é você e sua vez chegará.”

Além disso, o mesmo deixa claro da importância de sua participação no PET Floresta para os processos seletivos “Eu sempre falo que o PET foi meu carro chefe acadêmico durante os processos. Como foi o primeiro grande grupo que participei, me poliu de uma forma absurda. A atuação no tripé é valorizada por qualquer empresa e o foco sustentável do grupo é um diferencial frente às demandas exigidas pelo setor empresarial e florestal. O PET possui uma gama



de projetos, atividades e cultura que podem ser citados para justificar experiência nos mais diversos tipos de atuação. Porém, será sua vivência e história pessoal que vai ser o diferencial para conquistar a tão esperada vaga. Reflita bem sobre quem você é, e como sua essência se alinha com a futura empresa/vaga, autoconhecimento durante o processo é fundamental.”

Como conselho, Erikliis afirma que “Estudar bastante a empresa, cultura e área para a qual está se candidatando, pois você também está escolhendo a empresa e deve garantir que seja compatível para você e para o que você deseja para sua carreira.”

Outra ex-petiana, Victoria Fantaus, também relata que já participou de muitos processos seletivos e atualmente está estagiando na empresa Suzano, “Uma das minhas maiores dificuldades foi justamente participar das etapas dinâmica e entrevista, em todos os processos que participei. Sempre fui uma pessoa tímida e introvertida, isso foi algo que fui tentando desenvolver participando de várias atividades que a Rural proporciona pros alunos. Sempre fico extremamente nervosa, coloco muita pressão em cima de mim mesma e fico muito ansiosa, o que acabava me atrapalhando durante os processos, nas minhas apresentações principalmente.

No PS que passei, estava mais tranquila, menos ansiosa e esperando que o que tiver que acontecer, vai acontecer e acabou que me ajudou bastante. Claro que estava nervosa, mas muito mais tranquila com qualquer resultado que viesse.”

Victoria afirma “Algo que me ajudou muito era tentar estudar a empresa, mas não só olhar as redes sociais, e sim estudar um pouco mais a fundo, como ler o relatório de sustentabilidade, ler as notícias do site, as novidades que estavam implementando, ver vídeos, os posts do instagram, seus produtos, projetos sociais, novas parcerias... Isso acaba te deixando com mais propriedade pra falar, principalmente na dinâmica. E também tentar vários processos, às vezes você não passa de primeira, isso é normal; o negócio é não desanimar e continuar tentando, a concorrência é muito grande e cada processo que você faz mais preparado você vai estar pro próximo.”

Dessa forma, fica clara a importância que o PET tem na vida dos alunos os quais tem a oportunidade de participar do projeto durante os processos seletivos de empresas. As vivências dentro do programa impactam sempre positivamente na experiência acadêmica e pessoal dos alunos e são

exatamente essas vivências que são valorizadas pelos recrutadores. Além disso, o PET representa uma experiência extracurricular de grande relevância vista dentro e fora da Universidade.

Assim como os alunos entrevistados Victoria e Erikliis, outros ex petianos também contam com suas vivências dentro do programa como um ponto de extrema importância para ingressar em um estágio e até mesmo como uma experiência diretamente no mercado de trabalho. Isso se dá por diversos motivos, entre eles pode ser citado o contato frequente com trabalhos em equipe em que desenvolvem a parceria e o sentimento do coletivo dentro dos projetos realizados.

VOCÊ SABIA ?



O símbolo dentro da engrenagem chama-se fi (φ), trata-se de uma letra grega equivalente ao F do nosso alfabeto. Esse é o símbolo adotado pela Engenharia Florestal desde o século XIX. Existem dois motivos para essa escolha: o primeiro é porque a letra F de Floresta significa forts em alemão e forêt em francês, países pioneiros no ocidente a ensinarem a Engenharia Florestal. O segundo é porque o fi é adotado para identificar a Sequência de Fibonacci, uma equação matemática encontrada na disposição de elementos nos vegetais, tais como disposição das sementes no girassol ou a disposição da inserção dos ramos ou pétalas em diversas famílias botânicas, formando estruturas de grande impressão visual.



PET
Floresta

Programa de Educação Tutorial

PET Floresta UFRRJ

Formação através de Vivências em Atividades Florestais Sustentáveis



petfloresta



PET Floresta Rural



petflorestaufrrj



PET Floresta

Texto e Edição:

Ingrid Gaudencio Lemos

Julyana Marques Lobao de Almeida

Miryelle Moret Almeida de Souza

Yasmin Aleixo Ribeiro

Tutora:

Vanessa Maria Basso

Edição 27

Set, 2022